

THOMAS CHEGWIN

(1813/1814 • 23 de Março de 1891)

Recordar um leigo – um pioneiro do Metodismo em Portugal

igreja
do
mirante

Thomas Chegwin encabeça a longa lista de leigos envolvidos na divulgação do Evangelho em Portugal, tal como o Metodismo o expressa, durante o mais de um século e meio de presença no nosso país.

O trabalho pioneiro de Thomas Chegwin tem valor histórico, pois continuou em linha ininterrupta até aos nossos dias. Ao Rev. Robert H. Moreton, o primeiro ministro metodista indicado pela Sociedade Missionária Wesleyana de Londres para vir para Portugal, foi atribuído o desenvolvimento do trabalho missionário no circuito do “Porto e minas do Palhal”. Assim, quando o Rev. Moreton chegou ao Porto, em 16 de Fevereiro de 1871, já veio tomar conta de um trabalho iniciado, alguns anos antes, por leigos – em primeiro lugar, por Thomas Chegwin no Palhal e, alguns anos depois, por James Cassels, conhecido entre os portugueses por Diogo Cassels, em Vila Nova de Gaia.

A correspondência trocada entre os pioneiros do Metodismo em Portugal e a Sociedade Missionária Wesleyana de Londres retrata a falta de liberdade religiosa que imperava em Portugal ainda há bem pouco tempo, um tempo que deve ser conhecido, nomeadamente pelos que atualmente buscam bases de encontro, conducentes ao desenvolvimento de trabalho conjunto entre as mais diversas confissões cristãs.

Thomas Chegwin terá nascido há aproximadamente 200 anos, na Cornualha, um condado situado no sudoeste da Inglaterra, com fronteiras com o Oceano Atlântico a norte, com o Canal da Mancha ao Sul e com o condado de Devon a este.

A área conhecida por Cornualha foi habitada pela primeira vez pelos povos do Neolítico e da Idade do Bronze e posteriormente, já na idade do Ferro, pelos Celtas. É uma parte da Grã-Bretanha conhecida pelas suas paisagens selvagens, a sua variada e extensa costa e o seu clima ameno. Este condado mantém a sua identidade distinta, com a sua língua e cultura próprias. Historicamente, a Cornualha estava associada à exploração de minas e à pesca, apesar de mais tarde se ter deparado com o declínio dessas actividades.

No tempo de Thomas Chegwin, a população da Cornualha contava com uma elevada percentagem de metodistas. Thomas Chegwin era filho de uma família metodista da paróquia de Illogan do circuito de Redruth. Durante a infância, usufruiu do exemplo da sua mãe, avó e irmã mais velha, que nele inocularam a Palavra de Deus e fortaleceram a impressão que ela produziu nele, de tal forma que ele próprio entregou completamente o seu coração a Deus, numa classe metodista a que se juntou. Casou-se com Elizabeth Nettell, natural do mesmo local. Os seus filhos mais velhos, Elizabeth e John, terão nascido entre 1848/1849 e Março de 1851. Seriam os dois naturais de St. Agnes, uma pitoresca aldeia no litoral norte da Cornualha. Posteriormente, já em Portugal, terá tido mais filhos de que falou nas suas cartas – Grace, Caroline e Edward.

Mais tarde, a sua filha Caroline casou com Frederick Flower (7 de setembro de 1858, Vila Nova de Gaia – 14 de Maio de 1943), que foi um dos primeiros membros de classe da Igreja Metodista no Porto. Frederick Flower converteu-se através da pregação do Rev. Robert Moreton, e também foi um leigo muito envolvido no trabalho. Em Maio de 1893, tornou-se ministro leigo da Igreja Lusitana do Bonfim, atualmente mais conhecida por Igreja do Redentor. Em 1901, Frederick Flower foi ordenado diácono daquela igreja. Posteriormente, no ano de 1910, tornou-se presbítero da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica (ILCAE).

Em relação ao seu filho, Edward, sabe-se que faleceu ainda muito novo em consequência de um acidente na mina do Palhal, onde trabalhava com o pai. Prostrado no fundo do poço da mina, mortalmente ferido, ainda conseguiu dizer ao pai que se sentia inteiramente feliz na sua confiança em Jesus. De acordo com o Rev. Albert Aspey, no livro por “Por este caminho”, este foi mais um testemunho que só veio confirmar a contastação de John Wesley: “a nossa gente morre bem”. Do testemunho de vida de Edward, filho de Thomas e Elizabeth Chegwin, o mesmo Rev. Albert Aspey teve nas mãos um hinário - “uma coleção de hinos para uso do povo chamado metodista”, editado em City-Road, Londres, em 1857. Esse hinário, que terá pertencido a Edward Chegwin, apresentava apontamentos a lápis sobre vários sermões que ele terá ouvido e a seguinte dedicatória:

“Edward Nettell Chegwin: um presente de seus afetuosos pai e mãe, Thomas e Elizabeth Chegwin, 1859.”

Em relação ao próprio Thomas Chegwin, o primeiro documento a que o Rev. A. Aspey teve acesso foi o seu passaporte. Trata-se de um passaporte britânico impresso em 1840 e emitido em seu nome no ano de 1853, em Londres. Nesse passaporte, é pedido pelo principal Secretário de Estado para Assuntos Estrangeiros da Rainha Britânica o seguinte:

“Peço e requeiro em nome de Sua Magestade a todos os interessados, que autorizem Mr. Thomas Chegwin (súbdito britânico), em viagem pelo Continente, a passar livremente, sem obstáculos ou impedimentos, e que lhe prestem toda a assistência e protecção de que venha a precisar”.

Terá sido precisamente no ano de 1853 que Thomas Chegwin, então com cerca de 40 anos, deixou a sua terra natal, em direção ao continente europeu. Era conhecido por “capitão” Thomas Chegwin, título dado aos engenheiros que chefiavam as minas de estanho nas costas da Cornualha. Terá visitado primeiro a Alemanha e a Holanda, mas um ano mais tarde o visto pedido foi para Portugal, passado pelo Consulado Geral da Nação Portuguesa em Londres, no dia 13 de Julho de 1854 e assinado por F. J. Van Zeller, nos seguintes termos:

“Visto bom para seguir viagem para Portugal”

É este registo que aparece no passaporte de Thomas Chegwin que, efetivamente, chegou a Portugal nesse ano de 1854, para trabalhar como engenheiro nas minas do Palhal.

As minas do Palhal, situadas no concelho de Albergaria-a-Velha, foram descobertas por ingleses, em 1744. Diz a tradição que continham vestígios de indústria metalúrgica, desde o tempo dos mouros. Em 1769, terão sido abandonadas, devido a uma cheia do rio Caima, mas em meados do século XIX passaram a ser exploradas pela Companhia Lusitana de Mineração. Produziam cobre, galena de chumbo, blenda, níquel, cobalto e alguma prata. Por essa altura, trabalhavam nessas minas cerca de 300 pessoas.

Pode-se dizer que Thomas Chegwin tinha um verdadeiro espírito missionário. Chegado ao Palhal, começou logo a reunir uma classe metodista entre os seus compatriotas cornualheses, que lá trabalhavam e viviam com as suas famílias. Depois, abriu uma Escola Dominical e

começou a distribuir porções das Sagradas Escrituras, Novos Testamentos e Bíblias entre os operários portugueses.

Por volta de 1856, tinha chegado a Portugal outro engenheiro, também capitão de minas, Joseph Ivey, que depois de ter trabalhado nas minas de lousa de Valongo, foi transferido para as do Palhal.

Inicialmente, Thomas Chegwin enviava a suas contribuições para a Sociedade Metodista Wesleyana de Londres, através da Igreja da Cornualha, da qual era membro. No entanto, em 24 de novembro de 1860 terá enviado “6 libras e 15 shillings” directamente para a Sociedade, acompanhados de uma carta em que faz referência ao trabalho que está a realizar no Palhal e acusa a recepção do Relatório Anual daquela Sociedade.

No ano de 1862, numa carta de janeiro, Thomas Chegwin pediu mais informações acerca dos missionários metodistas e dos seus progressos na divulgação do Evangelho em diversas partes do mundo, afirmando que estava sem nada saber a esse respeito e concluindo que em relação aos progressos em Portugal não tinha notícias de que se pudesse orgulhar, apesar de se estar a esforçar bastante e de se sentir estimulado a continuar até ao fim. No mesmo ano, o passaporte de Thomas Chegwin regista sucessivas viagens a Inglaterra e depois de regresso a Portugal.

Em julho de 1864, acusou a recepção de 12 exemplares do Novo Testamento que estava a emprestar aos trabalhadores das minas, ávidos de os ler. Para não assustar o pároco, tinha-lhe enviado um desses exemplares, colocando-o à sua consideração e aprovação, mas até ao momento não tinha recebido qualquer resposta. Disse ainda que continuava lenta e sossegadamente a orar para que Deus abrisse um caminho à divulgação da Sua Palavra. Seis meses depois, informou que 10 exemplares do Novo Testamento estavam a circular entre os que na sua vizinhança sabiam ler. Disse ainda que um padre teria dito a uma pessoa que se não fosse pelo respeito que sentia por quem o tinha emprestado o teria queimado, aconselhando uma rápida devolução à procedência. Apesar disso, Thomas Chegwin mostrou-se persuadido de que se fosse permitida a entrada de alguns missionários em Portugal em breve teriam muitos adeptos. Na mesma carta informou que no Palhal tinham uma pequena reunião de classe e uma boa Escola Dominical, que reunia 20 crianças das famílias inglesas a residir no local. Enviou ainda a importância de uma libra, angariada para a Sociedade entre os residentes ingleses, pela sua filha Grace. Esse valor destinava-se a uma Escola Metodista na Itália e seguiu acompanhado das seguintes palavras:

“Espero que a nossa pequena importância encontre o caminho entre as grandes importâncias, para levar a Palavra de Deus às almas que a irão receber”.

Em janeiro de 1866, voltou a enviar uma contribuição e escreveu:

“Lamento ter de dizer que a nossa classe tem menos três pessoas e que agora somos só quatro, mas é provável que daqui a dois meses só haja duas, minha esposa e eu próprio... A nossa Escola Dominical tem boa assistência pois ainda temos 20 crianças. Tenho muito prazer em poder escrever-vos acerca das Sagra das Escrituras em língua portuguesa, agora quase todas nas mãos da nossa gente. A coisa mais agradável para mim é que o Novo Testamento já está a ser impresso neste País e pode ser comprado na maioria das vilas. Já comprei dois e pareceram--me exactamente a mesma tradução da nossa. Este é um passo na

direção certa. Em tempos passados não era permitido, à gente pobre que sabia ler, a leitura das Escrituras antes dos 30 anos, e naquela idade, tendo vivido tanto tempo sob a influência dos padres, tinham perdido todo o gosto por elas, se é que jamais o tivessem tido. Pode parecer estranho a um homem de perfeito juízo ouvir-me dizer que muitos sacerdotes não têm uma Bíblia nem um Novo Testamento para ler. Acho que agora a devem comprar, porque o Novo Testamento bem encadernado pode ser comprado por 9 pennies, e portanto está ao alcance de todos os que gostem de o ler... Tenho tentado, muitas vezes, induzir alguns dos nossos homens que sabem ler a juntarem-se e a abrirem uma Escola Dominical, e espero um dia consegui-lo. Penso que esta deve ser uma das melhores maneiras de fazer com que a Palavra de Deus seja conhecida entre eles, porque receio que muito tempo se passe antes de os sacerdotes o fazerem.

Numa carta de 1867, Thomas Chegwin acusa a recepção e agradece à Sociedade Missionária o envio de uma caixa com livros, nas suas palavras:

“...um valioso tesouro há muito esperado, a caixa com livros, mandado à Sociedade do Palhal. Estamos num país onde Cristo é pouco conhecido e receio que o seja só de nome; e acerca da prática da piedade está muito em baixo; mas espero que estes livros nos ajudem no caminho a seguir. Esta tarde desempacotamos os livros, pusemo-los em cima da mesa e chamamos os nossos vizinhos para os ver, e as crianças ficaram muito excitadas quando os viram, na expectativa de receberem alguns no próximo domingo. (...) Desde a última carta que escrevi tivemos um aumento da nossa reunião de classe, a Mrs. Butler, e espero que teremos, também, a nossa filha mais velha. Assim seremos cinco membros, e rogo a Deus que nos conceda a sua benção e nos ajude a progredir.”

Em 15 de Fevereiro de 1868, Thomas Chegwin enviou à Sociedade Missionária Metodista Wesleyana, as contribuições do ano anterior e escreveu:

“Entre as pequenas importâncias angariadas, um dos nossos mineiros portugueses contribuiu de livre vontade com três shillings, e já começou a contribuir novamente este ano. Estou certo que o fez com sinceridade. O seu nome é José da Silva. (...) Frequentemente vou à casa onde os nossos homens se reúnem ao domingo e falo com eles acerca do amor de Deus para com os pobres mineiros, e eles ouvem com muita atenção e frequentemente concordam com as afirmações que faço. Um dos homens disse-me que tinha falado com o padre acerca do que eu tinha dito, mas até agora nenhum deles me falou indelicadamente acerca de religião ou de outros assuntos. (...) Lamento dizer-lhe que já não temos reuniões de classe e que agora estou sozinho. A nossa escola dominical mantém-se regularmente e temos todas as crianças que podem vir. A reunião da tarde tem uma boa assistência de crianças e de alguns chefes de família. Ficarei plenamente satisfeito quando chegar o dia em que alguns ministros de Deus possam entrar neste país para pregar Cristo ao povo e acho que terão boa aceitação entre as classes humildes. Oro para que Deus nos preserve e mantenha no seu caminho para fazermos a sua vontade durante os poucos dias que ainda

tenhamos para viver neste mundo, e que o nosso fim seja de paz e nos reunamos com todos os seus filhos naquele mundo de felicidade”

Numa lista subscrições, do ano de 1868, para a Capela Metodista em Portugal, em construção em Vila Nova de Gaia, Porto, surge um donativo de Thomas Chegwin no valor de 5 libras.

Uma carta datada de 9 de setembro de 1868, desta vez escrita por Mr. Brown, refere uma visita do “capitão” Thomas Chegwin, certamente a Vila Nova de Gaia, e diz que ele lhe tinha falado das dificuldades no Palhal, em parte devidas a uma certa oposição do diretor da mina e do desejo dele se impor aos mineiros acerca da sua instrução espiritual. Referiu, contudo, que até aquele momento o diretor e a esposa nunca lhe tinham mostrado falta de amizade e que até a senhora era contribuinte para o fundo da Sociedade.

No mesmo ano de 1868, o nome de Thomas Chegwin e o de John Ayres e sua esposa são mencionados como apoiantes e testemunhas de James Cassels num processo de interdição de uns degraus de acesso à Capela de Vila Nova de Gaia, colocado por um vizinho, o que abrigou a adiar a abertura da Capela, até uma decisão judicial, apesar de interiormente já se encontrar pronta e preparada para a realização de cultos.

John Ayres, outro dos leigos metodistas pioneiros, era natural da cidade de Leeds, condado de Yorkshire, no norte da Inglaterra, e veio para Portugal em 1855, tendo trabalhado como engenheiro no Porto durante 35 anos. O seu nome é referido em vários ocasiões, nomeadamente como membro da 1ª Junta Trimestral da Igreja Evangélica Metodista que, posteriormente, se passou a designar por Comissão Executiva do Sínodo da IEMP.

Uma carta de Mr. James (Diogo) Cassels, de 1868, refere o isolamento de Thomas Chegwin nas minas do Palhal e lamenta ele não ter lá ninguém que o ajudasse a sustentar uma reunião de Classe.

Num memorando enviado pelo Rev. H. H. Richmond, pastor da Igreja Metodista em Gibraltar, que se deslocou ao Porto para presidir à inauguração da Capela em Vila Nova de Gaia, também encontramos algumas referências ao trabalho no Palhal e a Thomas Chegwin, nos seguintes termos:

“A umas 35 milhas do Porto, e de fácil acesso por comboio e estrada, ficam as minas de cobre do Palhal onde há uma pequena colónia inglesa. Mr. Thomas Chegwin, um bom metodista cornualhês, capitão de minas, que com a sua família residiu ali muitos anos, dirigiu durante algum tempo uma reunião de classe, que por qualquer motivo terminou. Por ocasião da minha visita um outro antigo metodista se revelou e com ele, Mr. Chegwin e a esposa deste, foi reconstituída a classe, esperando-se que outros se lhes juntarão. Em colaboração com o diretor, Mr. Cruikshank, um senhor com simpatias cristãs liberais, tem-se sustentado escolas diárias e dominicais entre a pequena população. Durante a minha breve estadia ali, preguei a uma congregação muito atenta, e parece terem todos recebido a visita de um ministro com grande prazer...”

A penúltima carta conhecida de Thomas Chegwin à Sociedade Missionária Metodista Wesleyana, datada de 11 de fevereiro de 1869, refere a visita de Mr. Brown e de Mr. Richmond e a recepção de uma comunicação de James Cassels acerca da pregação realizada por Mr.

Robert Stewart, na Capela de Vila Nova de Gaia, aberta ao culto a 18 de Outubro de 1868. Após a chegada ao Porto do Rev. Robert Moreton, em 1871, juntamente com as contribuições do ano anterior, Thomas Chegwin enviou uma carta à Sociedade Missionária, em que dizia:

“Através da nossa filha Mrs. Botterel, tive conhecimento de que veio para o Porto, um Mr. Moreton para tomar conta da nossa Igreja Wesleyana, onde espero vê-lo. (...) A nossa Escola Dominical continua com uma boa assistência, bem como a nossa reunião de domingo à tarde.

Em julho de 1871, foi a vez do Rev. Robert Moreton referir uma sua primeira visita ao Palhal, numa carta em que colocou também algumas questões à Sociedade Bíblica em relação ao método que deveria utilizar de modo a assegurar o pagamento das suas futuras visitas lá.

Em 1872, o relato do Rev. Moreton de um acontecimento no Palhal, põe em evidência o rigor e o zelo do 1º Superintendente-Geral da IEMP, em relação aos comportamentos que ele esperava que os metodistas adotassem:

“...num domingo à noite algumas pessoas criadas no Metodismo foram a uma festa papista que teve lugar na área, levando consigo as crianças. Quando pessoas instruídas se comportam desta maneira, não podemos censurar os ignorantes portugueses por transgredirem o dia de descanso e por fazerem muitas outras coisas impróprias que eles aprenderam a considerar como inocentes”.

Em carta de novembro de 1876, o Rev. Robert Moreton diz que esperava abrir um trabalho português no Palhal onde tinha em vista uma casa, revelando-se confiante de que os frutos lá fossem abundantes, uma vez que o povo já se encontrava preparado.

Entretanto, por volta de 1880, no meio da polémica que se instalou entre o Rev. Robert Moreton e Mr. James (Diogo) Cassels, o primeiro em carta à Sociedade Missionária sugere a sua substituição por outro Superintendente, para atenuar o conflito aberto entre ele próprio e Mr. James Cassels e evitar uma cisão eminente da Igreja. Nessa carta, o Rev. Robert Moreton revela ainda que se fosse sua intenção afastar Mr. James Cassels do meio metodista, podia contar com o apoio incondicional de vários leigos, que classifica como “o melhor da nossa gente”, entre eles também o capitão Thomas Chegwin, Mr. e Mrs. Ayres e Mr. George Searle.

Na lista de contribuições enviadas por Mr. James Cassels para a Sociedade Missionária, em Janeiro de 1886, aparece também o nome de Thomas Chegwin, juntamente com os do capitão Joseph e Mrs. Ivey, Misses Searles, Mr. e Mrs. Ayres e Mrs. Delaforce, entre outros.

Na primeira carta do ano de 1891, entre outras informações, o Rev. Robert Moreton registou o seguinte:

“No dia 23 de março, o Senhor chamou para si Thomas Chegwin um dos mais liberais contribuintes para a Sociedade Missionária e membro da igreja durante longos anos. Ele converteu-se muito cedo, em parte devido ao exemplo piedoso de sua mãe e avó e da sua irmã mais velha. Chegando às minas do Palhal em

1854, ele trabalhou fielmente durante 25 anos para o Mestre, como dirigente de classe e da Escola Dominical. Ele continuou este trabalho enquanto houve lá ingleses para cuidar e continuou o seu testemunho da Verdade entre os portugueses, num trabalho consistente em que foi bastante ajudado por sua esposa, uma admirável cristã. Quando a mina começou a decair há uns dez anos, ele mudou para o Porto e durante alguns anos foi chefe de outra mina nos arredores. A sua esposa faleceu repentinamente há três anos, e desde esse dia a sua saúde começou a declinar gradualmente. Foi um privilégio vê-lo frequentemente durante os últimos meses de vida, e quase diariamente perto do fim, e foi muito inspirador testemunhar a sua ansiedade por cumprir a vontade de Deus, mesmo nas coisas mais pequenas. Não tinha nenhum desejo de fazer qualquer outra coisa. A Palavra de Deus foi a sua companheira constante e o livro de hinos com os seus cânticos inspiradores que tinham feito parte da sua experiência cristã durante quase meio século e o animaram dia após dia. Tinha sido um valioso membro de coros na Inglaterra com a sua voz de qualidades excepcionais e foi um grande apaixonado pelos hinos líricos cristãos. Portanto, muita da sua experiência mais brilhante estava ligada e era exprimida pela linguagem dos cânticos sagrados. Quando a sua voz falhou completamente, até à véspera da sua morte ele tentou seguir com os seus lábios as lindas palavras dos seus hinos predilectos, mas a Palavra do Deus vivo foi a sua força e conforto especial. Ele amava-a verdadeiramente e esforçou-se por vivê-la na sua vida quotidiana. Estava tão ansioso por ser fiel e não entristecer a Deus que desejava pecar por desejar ser levado para o Além. Quando o cansaço extremo do corpo e os seus padecimentos prolongados lhe tornaram o peso da vida mais do que insuportável, teria sido um grande alívio verificar que mesmo um dos apóstolos pôde desejar “partir e estar com Cristo”, mas, como a sua memória falhasse, ele não se lembrou daquele verso para o confortar mas ficou firmemente arraigado à âncora da sua esperança e a sua fé não vacilou. Para nós é uma grande perda porque o seu brilhante testemunho cristão foi sempre animador, mas ele já passou ao serviço mais alto e por sua própria causa não poderia desejar retê-lo connosco.”